



## A luta da mulher pela igualdade no campo: contradições e tensões no sistema capitalista

*La lucha por la igualdad de la mujer en el campo: contradicciones y tensiones en el sistema capitalista*

**Fábio Ferreira Santos<sup>1</sup>**

Universidade Federal da Paraíba  
[fabinhoufs@gmail.com](mailto:fabinhoufs@gmail.com)

**Maria Franco Garcia<sup>2</sup>**

Universidade Federal da Paraíba  
[mmartillo@gmail.com](mailto:mmartillo@gmail.com)

**RESUMO:** Nas últimas décadas vemos uma ascensão do papel da mulher na sociedade, fruto das árduas lutas pelos direitos iguais na sociedade capitalista. Historicamente, a emergência do capitalismo impulsionou o trabalho feminino atrelado plenamente à forma de trabalho assalariado, transformando a mulher em uma classe trabalhadora significativa no mundo do trabalho. Nesse sentido, o texto tem por objetivo analisar a luta das mulheres no campo brasileiro frente às contradições desiguais do sistema capitalista. Para tal, buscou-se a utilização do materialismo histórico e dialético, das pesquisas bibliográficas como subsídio para desmistificar a dominação do homem sobre a mulher nas relações sociais. Observou-se que a mulher não se apoderou a dominação do homem, mas foi a luta pelos seus direitos, como se observa os movimentos feministas no cenário mundial. No espaço agrário vemos a luta das mulheres nos movimentos sociais e processo de luta pela reforma agrária desempenhando um papel importante na organização do movimento, no enfrentamento frente ao capital e as oligarquias agrárias brasileiras. A divisão de gênero nos acampamentos e assentamentos insere-se na luta das mulheres por melhores condições de vida e direitos na sociedade.

**Palavras-chaves:** mulher, gênero, capital, trabalho, luta de classes.

**RESUMEN:** En las últimas décadas, vemos un aumento del papel de la mujer en la sociedad, el resultado de la ardua lucha por la igualdad de derechos en la sociedad capitalista. Históricamente, el surgimiento del capitalismo condujo el trabajo femenino remolque totalmente la forma de trabajo asalariado, convirtiendo a la mujer en una clase de trabajo importante en el mundo del trabajo. En este sentido, el texto tiene que analizar la lucha de las mujeres en el campo brasileño en la cara de contradicciones desiguales del sistema capitalista. Con este fin, se

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba. Membro do grupo de pesquisa CEGET – Secção Paraíba, [fabinhoufs@gmail.com](mailto:fabinhoufs@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Geografia, Professora do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba. Membro do grupo de pesquisa CEGET – Secção Paraíba, [mmartillo@gmail.com](mailto:mmartillo@gmail.com)

buscó el uso del materialismo dialéctico e histórico, la investigación bibliográfica como subsidio a desmitificar la dominación del hombre sobre la mujer en las relaciones sociales. Se observó que la mujer no aprovechó la dominación del hombre, pero era la lucha por sus derechos, como los movimientos feministas visto en el escenario mundial. En el espacio agrario vemos la lucha de las mujeres en los movimientos sociales y la lucha por la reforma agraria jugaron un papel importante en la organización del movimiento, la parte frontal hacia la capital y las oligarquías agrarias brasileñas. La brecha de género en los campamentos y asentamientos es parte de la lucha de las mujeres por mejores condiciones de vida y los derechos de la sociedad.

**Palabras-clave:** mujer, de género, de capital, mano de obra, la lucha de clases.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo vem à tona num momento impar nas discussões do papel da mulher no mundo do trabalho e seus desdobramentos na produção do espaço geográfico. Notoriamente, as discussões sobre o feminismo foram “negligenciadas” por muito tempo, embora algumas autoras marxistas propuserem a luta pela igualdade e melhores condições de vida da mulher na sociedade capitalista. A árdua batalha estava em jogo, uma luta constante contra o discurso e a prática capitalista de se apropriar, expropriar e explorar o trabalho feminino através das desigualdades de gênero.

Na história da sociedade a mulher tem um papel importante na constituição da família e no mundo do trabalho, embora, os privilégios masculinos e as desigualdades de gêneros perpetuem através das raízes históricas na formação da sociedade, no qual se observa que no sistema capitalista agravou-se a dominação do homem sobre a mulher.

Na constituição da sociedade, preferivelmente na organização da família, vemos os direitos maternos e paternos sendo modificados de acordo com o desenvolvimento das relações sociais na sociedade vigente. Engles nos mostra essas mudanças através das suas análises feitas nas obras de Bachofen e Morgan na sua obra “A Origem da Família, da propriedade privada e do Estado” (1984).

O poder dado e adquirido dos homens remota raízes históricas, influenciando e interferindo nas questões de gênero que perpetua ao longo da história da humanidade. Nesse sentido, esse poder de dominação ocorre através do controle do trabalho das mulheres pelos homens até restrições das mesmas aos recursos socioeconômicos, onde envolve questões políticas, perpassando pelo controle da sexualidade, preponderância e violência masculina.

A construção da cidadania feminina foi árdua, deteriorante e ao mesmo tempo gratificante ao longo dos anos. Sucessivos processos na luta pela igualdade de gênero e reconhecimento dos direitos femininos foram travados. Contudo, aos poucos, as mulheres foram conquistando seus direitos e conseguindo sua libertação.

As lutas das mulheres na sociedade capitalista estavam atreladas as ideias de patriarcado, da inserção destas no mundo do trabalho e dos direitos de igualdade. Contudo, os movimentos feministas passaram a lutar também por outras demandas na luta pela igualdade de gênero.

Nesse processo de luta as mulheres foram conquistando aos poucos alguns direitos, resgatando a cidadania e sua participação na esfera política. Podemos citar, por exemplo, que a partir dos anos 1990, a elaboração e implementação de políticas públicas com enfoque de gênero foram uma vitória da mulher no âmbito político-social.

No espaço agrário, as mulheres estão sendo, cada vez mais, protagonistas de sua própria história. A luta pela reforma agrária e as diferentes formas de trabalho desempenhado no campo mostram o significativo papel da mulher no desenvolvimento agrário brasileiro.

Nesse viés, propor uma discussão sobre a luta das mulheres pela igualdade no campo numa sociedade excludente, contraditória e desigual é uma tarefa instigante que nos requerer atenção e dedicação para desvelar a questão do gênero e seu papel no desenvolvimento das relações sociais.

## **1 – Classes sociais e gênero: tensões e contradições na sociedade capitalista**

As discussões do papel da mulher na sociedade capitalista nos faz retomar a leitura da sociedade de classe numa perspectiva marxista. As diversas obras de Marx e de Engles nos permite compreender a questão das classes sociais no sistema capitalista. Todavia, iremos debruçar sobre algumas obras que nos dão suporte para entender a questão das classes sociais, gênero e trabalho no desenvolvimento da sociedade capitalista.

Na obra o “Manifesto comunista” (2008), Marx e Engles nos propõe refletir ao afirmar que “a história de todas as sociedades que até hoje existiram é a história das lutas de classes”. Essa importante passagem na obra que nos instiga a pensar o processo histórico da formação da sociedade e a divisão em classes sociais no decorrer do tempo e no espaço.

Em “A origem da família, da propriedade privada e do Estado” (1984), Engles nos vai abrilhantar com o estudo da família, no qual em uma das passagens mostra o processo de subjugação da mulher ao homem na história da humanidade. Ao enfatizar sobre a família na sociedade primitiva, o autor mostra que

A concepção tradicional conhece apenas a monogamia, ao lado da poligamia de um homem e talvez da poliandria de uma mulher, silenciando – como convém ao filisteu moralizante – sobre o fato de que na prática aquelas barreiras impostas pela sociedade oficial são tácita e inescrupulosamente

transgredidas. O estudo da história primitiva revê-nos, ao invés disso, um estado de coisas em que os homens praticam a poligamia e suas mulheres a poliandria, e em consequência, os filhos de uns e outros tinham que ser considerados comuns. E esse estado de coisas, por um lado, que passando por uma série de transformações, resulta na monogamia. (ENGELS, 1984, p.31)

Essa constituição da família ao longo da história da sociedade é importante tendo em vista que a mulher tinha um papel importante na organização da unidade familiar. Todavia, a mulher foi gradativamente perdendo seu poder diante da organização social, tendo o direito materno sendo substituído pelo direito paterno e sua função social sendo imposta aos fazeres do lar.

Teoricamente, algumas autoras merecem destaque sobre as questões de gênero e suas singularidades. Dentre essas autoras, podemos citar Judith Butler (2003), que nos traz uma profunda discussão a cerca dos problemas de gênero, no qual busca desmistificar o feminismo e a subversão da identidade numa perspectiva filosófica. As suas contribuições são importantes e essenciais na compreensão da identidade de gênero, pois a autora procura mostra que corpo, sexo, gênero cultural e sexualidade possuem singularidades particulares no entendimento da questão da mulher na sociedade capitalista.

Outra importante autora é Gayle Rubin que em sua obra “El trafico de mujeres: notas sobre la “economía política” de sexo” (1986) nos traz uma abordagem antropológica sobre o gênero. A sua obra é marcante ao enfatizar o marxismo, a antropologia cultural e a psicanálise na leitura sobre a mulher e seu papel no desenvolvimento das sociedades. De acordo com a autora

el género es una división de los sexos socialmente impuesta. El un producto de las relaciones sociales de sexualidad. Los sistemas de parentesco se basan em el matrimonio; por lo tanto, transforman a machos y hembras em “hombres e mujeres”, cada uno una mitad incompleta que sólo puede sentirse entera cuandose une con la outra. (...) La división de los sexos tiene el efecto de reprimir algunas de las características de personalidad de prácticamente todos, hombres e mujeres. El mismo sistema social que oprime a las mujeres em sus relaciones de intercambio, oprime a todos em su insistencia em una división rígida división de la personalidad. (RUBIN, 1986, p.115)

A imposição da divisão de gênero relatada pela autora nos traz grandes contribuições para as questões teóricas ligadas ao gênero. Ainda, sob o viés das discussões sobre gênero, destacamos a historiadora Joan Scott. Para ela as questões de gênero estão intrinsecamente

ligadas ao processo histórico da formação da sociedade, no qual as relações sociais entre os sexos criaram desigualdades entre os homens e mulheres. Segundo a autora,

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (SCOOT, 1990, p.21)

A abordagem histórica proposta pela autora nos referenda a pensar os princípios de ordenamento relacionados às relações de poder e hierárquico, como também instiga a entender os processos histórico-espaciais que se vinculam as relações sociais entre os sexos.

Outra importante autora que nos traz uma importante discussão sobre as questões de gênero é Donna Haraway. Na sua obra “Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”, a autora traz importantes contribuições para o entendimento teórico das relações de gênero. Para ela, “gênero é um conceito desenvolvido para conter a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de lutas” (HARAWAY, 2004, p.211). Segundo Soihet (1997)

Gênero tem sido, desde 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais” à criação inteiramente social das ideais sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres (SOIHET, 1997, p. 279).

Analisando esse enunciado vemos que o gênero aparece como uma forma de interação humana pautada na diferença sexual, ou melhor, as diferenças socialmente construídas sobre o homem (masculino) e a mulher (feminino) se expressam de diversas maneiras entre elas a divisão sexual do trabalho, as relações de poder, etc. Dessa forma, deve-se compreender a questão de gênero como uma categoria de análise histórica que se constituiu das relações sociais que permeiam a sociedade.

A partir da leitura sobre os movimentos feministas e das lutas pelos direitos iguais podemos ter uma noção do que venha a ser a categoria gênero. Dessa forma, compreender a categoria gênero é mergulhar nas relações sociais e no processo histórico e social que constitui bases para as desigualdades entre homens e mulheres ao longo da história.

Garcia (2004 p. 70) analisando as relações de gênero na luta pela terra nos mostra que um dos motivos para analisar o enfoque de gênero está atrelado ao “o deslocamento de

foco da “questão feminina” de uma classe, para a análise das relações sociais de gênero como um todo, com o propósito de focar os mecanismos de subordinação das mulheres pelo modo de organização espacial das relações sociais”.

Sob essa égide que não devemos analisar a questão de gênero separada das relações sociais que permeiam a sociedade capitalista como modo de produção dominante. É preciso analisar os processos históricos para esclarecer as desigualdades de homens e mulheres.

## **2. O enfoque de gênero no espaço agrário: luta pela terra e trabalho feminino**

A leitura do espaço agrário sob o enfoque de gênero, ligado a atuação da mulher e suas lutas no campo, nos referenda a compreender sua atuação nos territórios de luta.

Os acampamentos e assentamentos rurais fazem parte de processos geográficos em disputa e configura em lugares de atuação da luta pela terra e na terra. Nesse ponto, os processos históricos e geográficos que remontam a questão de gênero perpassa a leitura da diferença entre homens e mulheres no campo.

Nesse aspecto, a divisão sexual do trabalho deve ser entendida num processo de construção de espaços tanto nos acampamentos e assentamentos rurais. Esse fato nos coloca a entender o papel da mulher e suas funções nestes locais.

De acordo com Garcia (2004),

a divisão de funções de gênero encontra-se fortemente condicionada pelo caráter temporal destes espaços, já que para a maioria dos acampados e acampadas a materialização da luta é representada pelo acesso ao lote, que inicia a concretização do seu projeto de vida. (GARCIA, 2004, p.72)

A autora nos mostra claramente que a divisão sexual do trabalho está fortemente explícita nas decisões e no processo de luta pela terra como também no processo de construção dos assentamentos rurais. Sob esse aspecto, a autora ainda nos mostra que

O assentamento rural é um passo à frente no processo de luta, a posse da terra. O acesso à propriedade tem implicações de gênero decisivas para as trabalhadoras, em relação à divisão sexual do trabalho, na organização em unidades familiares de produção. (Ibid., p.80)

As implicações da divisão de gênero são visíveis e notórias, visto que a mulher desempenha seu papel na organização familiar e em alguns setores produtivos. Para Garcia (2004)

a separação entre trabalho produtivo e reprodutivo por gêneros se traduz na divisão espacial do assentamento, onde o espaço público, da roça, do futebol, do boteco, da militância, é masculino e o privado feminino, a casa e o lote. A

roça é um lugar de cooperação entre gêneros, contudo, é presente a concepção do trabalho da mulher como subalterno. (ibid., p.81)

Ressaltando a divisão de gênero nos assentamentos rurais, a autora nos mostra como essa divisão vem ocorrendo no seio da unidade de produção familiar camponesa afirmando que:

Além da existência de uma diferenciação de papéis em função da atividade desempenhada, a jornada de trabalho também é um elemento que reforça a divisão sexual do trabalho. Verificamos que os discursos das entrevistas desnudam a realidade do trabalho que as mulheres realizam nestas comunidades. No assentamento, as mulheres são responsáveis por muitas tarefas com grande peso nas atividades produtivas, como capinar, cortar, plantar, colher, tomar a terra, tirar o leite etc. Mesmo diante do fato de que as mulheres participam de todas as atividades do campo, o discurso de ambos sexos permanece caracterizando o trabalho feminino como uma ajuda, porque a responsabilidade pelas atividades econômicas, como vimos, é sempre masculina, na decisão do que plantar ou na comercialização do produto (ibid. p.89)

Dessa forma, a mulher tem extrema participação e importância na construção de espaços coletivos de luta pela terra e pela sobrevivência frente a barbárie capitalista. Aliás, elas fazem de sua luta sua emancipação para conquistar seus direitos e deveres nos lugares concretos, específicos e diferentes onde se concretiza a luta familiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de luta e conquista dos direitos feminista foi árduo e doloroso, mas as conquistas foram extremamente importantes para que não possamos perder a essência do caráter da luta pelas desigualdades sociais. Nesse aspecto, as mulheres não se apoderaram a dominação e o poder do homem, mas ao contrário, foram à luta pelos direitos de igualdade na sociedade.

Os movimentos feministas foram essenciais para que a mulher enxergasse como um sujeito histórico que foi sendo gradativamente subordinado ao homem, desde a família até as relações sociais de produção. Contudo, as reivindicações e as lutas pelos direitos iguais foram alavancadas pelas mulheres como uma bandeira pela igualdade de gênero.

O papel que desempenha as mulheres no mundo do trabalho e na sociedade ganha a cada dia projeção e destaque, e o Estado passou a elaborar e implementar políticas públicas de gênero como forma de amenizar os conflitos dentro de uma classe social.

A luta das mulheres no espaço agrário, nos lugares específicos e diferentes, como o acampamento e assentamento rural, mostra seu papel na construção de uma sociedade melhor. A luta feminina nas organizações de trabalhadoras e no movimento de luta pela terra demonstram que as diferenças de gênero perpassam atuações práticas e estratégicas contra a opressão e as suas faces no espaço agrário.

São muitas batalhas ainda a se enfrentar, visto que o desenvolvimento do sistema capitalista perpetua as desigualdades sociais e tende a explorar a classe trabalhadora para extrair e ampliar a reprodução do capital. Todavia, a luta das mulheres no âmbito político, econômico e social foi essencial para que a sociedade pudesse enxergar os problemas inerentes a o modo de produção vigente na sociedade.

Assim, as contradições e tensões que o capitalismo criar em seu desenvolvimento tende a impulsionar a luta de classes e o embate na relação capital-trabalho. Nesse processo histórico de contradição e tensão, as mulheres foram dominadas pelo poder do homem e subjugadas ao seu domínio, mas elas não se deram por vencidas, e foram à luta, pois somente com a luta podemos transformar sonhos em realidade.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da Família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984.
- GARCÍA, Maria Franco. **A luta pela terra sob enfoque de gênero: Os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema**. Presidente Prudente: UNESP, 2004.
- HARAWAY, Donna. **Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra**. Cadernos Pagu, 2004.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Expressão Popular. 1a edição, 2008.
- RUBIN, Gayle. **El Trafico de mujeres: notas sobre la economia politica” del sexo**. Nueva antropologia, Mexico, 1986.
- Scoot, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade, Porto Alegre, 1990.
- SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. In. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). Domínios da Historia. Ensaio de Teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus. 1997.